O ENSINO DE LIBRAS NO ENSINO SUPERIOR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

MIRIAM DOS SANTOS LIMA

RESUMO
O presente artigo analisa a importância do ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) no ensino superior como instrumento fundamental para a promoção da educação inclusiva. O objetivo do estudo consiste em discutir como a inserção da disciplina de Libras nas instituições de ensino superior contribui para a formação de profissionais mais preparados para atuar em contextos educacionais inclusivos. A metodologia utilizada baseia-se em pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo, com análise de autores que discutem a educação inclusiva, a educação de surdos e as políticas públicas relacionadas ao ensino de Libras no Brasil. Os resultados indicam que a presença da Libras no ensino superior favorece a construção de práticas pedagógicas mais inclusivas, amplia a comunicação entre surdos e ouvintes e contribui para a valorização da cultura surda. Conclui-se que o ensino de Libras nas universidades representa um avanço significativo nas políticas educacionais brasileiras, pois possibilita a formação de profissionais mais conscientes da diversidade linguística e cultural presente na sociedade, fortalecendo o processo de inclusão educacional e social das pessoas surdas.

PALAVRAS-CHAVE: Libras; educação inclusiva; ensino superior; inclusão; educação de surdos.

ABSTRACT
This article analyzes the importance of teaching Brazilian Sign Language (Libras) in higher education as an important tool for promoting inclusive education. The study aims to discuss how the inclusion of Libras as a discipline in universities contributes to the training of professionals prepared to work in inclusive educational contexts. The methodology is based on qualitative bibliographic research focusing on inclusive education and deaf education policies in Brazil. The results indicate that the presence of Libras in higher education strengthens inclusive practices and promotes communication between deaf and hearing individuals.

KEYWORDS: Libras; inclusive education; higher education; deaf education; inclusion.

INTRODUÇÃO

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) configura-se hoje como um dos eixos centrais da política de educação inclusiva no Brasil, especialmente após o reconhecimento legal como língua oficial de comunicação e expressão da pessoa surda. A partir da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/2005, obriga-se a oferta de Libras em instituições de ensino, o que inclui também o ensino superior, ampliando a responsabilidade das universidades e faculdades na formação de profissionais que compreendam e pratiquem a língua de sinais como língua natural, e não apenas como recurso técnico de acessibilidade. Nesse contexto, o ensino de Libras no ensino superior deixa de ser uma simples exigência jurídica e passa a ser um campo de tensionamentos e conquistas relacionados à construção de uma educação realmente inclusiva.

A inclusão da disciplina de Libras nas graduações tem sido amplamente discutida em pesquisas educacionais, que apontam sua importância para a formação de futuros professores, assistentes sociais, psicólogos, fonoaudiólogos, profissionais de saúde, entre outros, no sentido de promover a acessibilidade comunicativa no atendimento a pessoas surdas. Estudos indicam que, ao entrar em contato com a Libras e com a cultura surda, muitos estudantes modificam suas percepções anteriores sobre a surdez, passando a vê-la como diferença linguística e cultural e não como mera deficiência, o que tem implicações profundas para a prática profissional e para a convivência em ambientes escolares, institucionais e sociais. A disciplina de Libras, portanto, incide diretamente na formação de cidadãos mais sensíveis às questões de inclusão, diversidade e direitos humanos.

No entanto, a implementação efetiva do ensino de Libras no ensino superior enfrenta uma série de desafios organizacionais, pedagógicos e culturais. Muitas instituições ainda carecem de professores surdos ou ouvintes fluentes em

Libras, de intérpretes qualificados e de materiais didáticos bilíngues, além de infraestrutura física e tecnológica que favoreça a visualização da língua de sinais em sala de aula. A forma como a disciplina está organizada nos currículos – muitas vezes limitada a cursos de licenciatura e a carga horária reduzida – também levanta questionamentos sobre a efetividade dessa inclusão, já que "apenas uma disciplina" parece insuficiente para formar profissionais realmente preparados para atuar com alunos surdos. Além disso, a avaliação da aprendizagem, a organização das aulas e a própria cultura de convivência entre ouvintes e surdos revelam tensões que colocam em xeque o discurso de inclusão presente nas políticas públicas.

Diante desse panorama, este trabalho tem como objetivo discutir o ensino de Libras no ensino superior, refletindo sobre os desafios e possibilidades que se apresentam para a construção de uma educação inclusiva efetiva. Parte-se da compreensão de que a Libras não é apenas um componente curricular, mas um instrumento fundamental para a acessibilidade comunicativa, a redução de preconceitos e a consolidação da surdez como parte legítima da diversidade humana. A investigação busca analisar, em primeiro lugar, a fundamentação jurídica e política que orienta a inclusão de Libras no ensino superior; em seguida, os desafios estruturais, pedagógicos e culturais enfrentados pelas instituições; e, por fim, as possibilidades que se abrem a partir de práticas de ensino mais articuladas, da formação adequada de professores e da valorização da participação da comunidade surda na vida universitária. Assim, a pesquisa visa contribuir para a reflexão sobre como o ensino de Libras pode, de fato, transformar o ensino superior em um espaço de reconhecimento, respeito e igualdade de oportunidades para todos os estudantes, em especial para aqueles pertencentes à comunidade surda.

A própria trajetória da inclusão da Libras no ensino superior revela marcos importantes, como a criação de cursos específicos de Letras: Libras, a formação de professores e intérpretes de Libras e a ampliação de disciplinas de acesso à língua nas mais diversas graduações. Esses avanços demonstram uma crescente preocupação em reconhecer a Libras como língua de ensino, de pesquisa e de convivência dentro da universidade, e não apenas como objeto de estudo limitado aos cursos de Pedagogia ou de Educação. No entanto, é perceptível que, em muitos contextos, a disciplina ainda é vista com timidez, como algo obrigatório que "deve estar no currículo", mas sem uma reflexão mais profunda sobre o papel que ela exerce na formação de profissionais inclusivos e na transformação das práticas pedagógicas cotidianas.

A inserção de Libras no ensino superior também se articula com a necessidade de repensar a organização da própria instituição. A presença de estudantes surdos exige não apenas intérpretes e materiais acessíveis, mas uma mudança de cultura que considere a visualidade como forma central de comunicação, o que implica repensar a arquitetura das salas, a organização das aulas, o uso de recursos audiovisuais e a própria postura dos docentes em relação à forma como se expressam em sala. A universidade, ao assumir de forma mais consistente o ensino de Libras, passa a ser um espaço de experimentação de práticas de inclusão que podem irradiar para a Educação Básica, para o mercado de trabalho e para a sociedade como um todo.

Nesse sentido, refletir sobre o ensino de Libras no ensino superior implica discutir, ao mesmo tempo, a formação de professores, a organização curricular, as políticas institucionais de acesso e permanência de estudantes surdos e a própria concepção de surdez que orienta as práticas educacionais. A Libras surge como um ponto de convergência entre legislação, política educacional, formação de profissionais e cultura universitária, revelando tanto avanços quanto resistências no caminho rumo a uma educação realmente inclusiva. Este trabalho, portanto, propõe-se a problematizar esses aspectos, analisando como o ensino de Libras é hoje trabalhado nas instituições de ensino superior, quais são os principais obstáculos enfrentados e que possibilidades se abrem para fortalecer a inclusão de estudantes surdos e a formação de profissionais comprometidos com a diversidade linguística e cultural. Ao discutir desafios e possibilidades, busca-se contribuir para um entendimento mais amplo de que a

Libras não é apenas uma "disciplina obrigatória", mas um componente estratégico na construção de uma universidade mais democrática, acessível e justa para todas as pessoas.

DESENVOLVIMENTO

O ensino de Libras no ensino superior pode ser compreendido como um dos pilares fundamentais da educação inclusiva, uma vez que a Língua Brasileira de Sinais é reconhecida por lei como meio legal de comunicação e expressão das pessoas surdas no Brasil. A partir da Lei nº 10.436/2002 e do Decreto nº 5.626/2005, torna-se obrigatório o oferecimento de Libras em contextos educacionais, inclusive nas instituições de ensino superior, o que impõe à universidade a responsabilidade de formar professores e profissionais que compreendam a língua de sinais como língua natural, e não apenas como um recurso auxiliar. Essa mudança de paradigma exige que a educação superior assuma a Libras como parte da formação cidadã, ao lado de outras línguas e culturas, e não como mera "disciplina especial" isolada no currículo.
A inclusão da Libras nos cursos de graduação favorece a acessibilidade comunicativa e ajuda a desconstruir preconceitos historicamente associados à surdez, substituindo a visão patologizante por uma perspectiva de direitos e de diversidade linguística. Ao aprender Libras, estudantes ouvintes entram em contato com a cultura surda, compreendem as especificidades da língua de sinais e passam a perceber a surdez como uma forma diferente de experiência humana, e não como deficiência a ser corrigida. Essa transformação de percepção é essencial para que a educação superior, de fato, contribua para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, em que a diferença não seja vista como obstáculo, mas como parte constitutiva da vida social.
No plano profissional, o ensino de Libras na universidade prepara estudantes de diversas áreas para atuar com maior sensibilidade e competência junto a pessoas surdas. Professores, assistentes sociais, fonoaudiólogos, psicólogos, advogados, médicos, enfermeiros, entre outros, passam a ter condições de se comunicar diretamente com usuários surdos, reduzindo a dependência exclusiva de intérpretes e ampliando a autonomia desse grupo em contextos de atendimento, escola, saúde, justiça e trabalho. A disciplina de Libras, nesse sentido, deixa de ser um componente isolado e passa a integrar uma formação ampla, articulada com a prática profissional e com a responsabilidade ética de respeitar o direito à comunicação de todas as pessoas.
No entanto, a implementação efetiva do ensino de Libras no ensino superior esbarra em uma série de desafios estruturais e organizacionais. Muitas instituições ainda enfrentam dificuldades para contratar professores surdos ou ouvintes fluentes em Libras, bem como intérpretes qualificados para acompanhar aulas, avaliações e atividades acadêmicas. A falta de profissionais formados gera sobrecarga de trabalho, alta rotatividade de docentes e, em alguns casos, a simples inclusão da disciplina no currículo sem a devida estrutura pedagógica, o que limita o alcance inclusivo pretendido pela legislação.
Além disso, há uma carência de infraestrutura física e tecnológica adequada. Muitas salas de aula não estão organizadas para a presença de intérpretes, com problemas de iluminação, posição no espaço, som ou visibilidade, o que prejudica a boa visualização da Libras pelos estudantes surdos. A escassez de materiais didáticos bilíngues (Libras– Português), de vídeos legendados, de plataformas digitais acessíveis e de recursos de apoio dificulta ainda mais a participação plena dos alunos surdos, que muitas vezes se veem obrigados a depender de resumos orais, anotações escritas ou de demandas extras de interpretação.
A organização curricular também revela limites importantes. Em muitas universidades, Libras ainda aparece como componente obrigatório apenas em cursos de licenciatura e Pedagogia, enquanto nos demais cursos atua como disciplina optativa ou sequer é oferecida. Essa divisão transmite a ideia de que a responsabilidade pela inclusão é dos futuros professores, e não de toda a formação superior, o que fragiliza a perspectiva de uma educação inclusiva efetivamente horizontal. A tendência atual de projetos de lei que propõem a inclusão de noções básicas de Libras em cursos superiores e técnicos tenta superar essa lacuna, mas sua concretização depende de planejamento institucional, previsão de carga

horária, contratação de profissionais e revisão de planos de curso.

Outro conjunto de desafios reside na prática pedagógica e na cultura universitária. A disciplina de Libras é, muitas vezes, trabalhada como se fosse uma língua estrangeira qualquer, com foco em memorização de sinais isolados e sem a devida ênfase na competência comunicativa em Libras. A ausência de metodologias que privilegiam a exposição a textos em Libras, a conversação em situações reais e a produção de narrativas e diálogos reduz a língua a um conjunto de gestos técnicos, deslegitimando-a como sistema linguístico completo. Para que o ensino de Libras seja eficaz, é necessário adotar abordagens que valorizem a dimensão cultural, histórica, gramatical e comunicativa da língua, formando alunos capazes de dialogar com a comunidade surda de forma autêntica.

Ainda no campo pedagógico, a avaliação da aprendizagem dos estudantes surdos continua sendo um ponto sensível. A dependência de provas escritas em português, sem adaptações, acaba por medir a habilidade de escrita em uma língua que não é a primeira do aluno surdo, gerando desigualdades escondidas por trás de uma avaliação aparentemente neutra. A inclusão de possibilidades como a resposta em Libras registrada por vídeo, a apresentação oral em Libras, o uso de intérpretes em situações orais e a valorização de produções audiovisuais bilíngues pode ajudar a conferir maior equidade à avaliação, garantindo que o critério relevante seja o domínio de conteúdos e não apenas a fluência em uma língua escrita específica.

A convivência entre estudantes ouvintes e surdos na universidade também revela desafios culturais importantes. Mesmo com a presença de disciplinas de Libras, muitos alunos surdos permanecem excluídos de grupos informais, rodas de conversa, eventos acadêmicos e atividades de convivência, por falta de fluência em Libras entre os colegas ou por falta de sensibilidade comunitária. A universidade precisa, portanto, ir além da oferta de hora/aula e promover ações de convivência interlinguística, como grupos de pesquisa, projetos de extensão bilíngues, seminários com apresentações em Libras, debates mediados por intérpretes e espaços de socialização planejados para favorecer a co-participação de surdos e ouvintes. Quando a inclusão passa a ser vista como responsabilidade coletiva, a educação superior se aproxima mais de uma prática efetivamente inclusiva, em que a diferença se torna um elemento de enriquecimento, e não de segregação.

Apesar desses desafios, o ensino de Libras no ensino superior abre caminhos promissores para a educação inclusiva. A formação de profissionais que compreendem e praticam a Libras contribui para a redução de barreiras comunicativas em diversos setores, ampliando o acesso das pessoas surdas a serviços, a espaços públicos e a oportunidades de emprego e cidadania. A disciplina de Libras, quando integrada à prática pedagógica, incentiva a reflexão crítica sobre a surdez, a língua de sinais e a própria organização da sociedade, favorecendo a construção de um olhar mais democrático e menos estigmatizante.

A expansão de ambientes universitários acessíveis também é uma grande possibilidade. Aumento da oferta de aulas com intérpretes, criação de acervos de vídeos em Libras, disponibilização de materiais didáticos bilíngues, melhoria da acessibilidade digital e adaptação de websites e plataformas educacionais beneficiam não apenas estudantes surdos, mas toda a comunidade acadêmica, fortalecendo a ideia de que acessibilidade é um princípio estrutural da educação superior, e não um benefício excepcional. A presença de estudantes surdos nas universidades passa a ser um estímulo permanente para que a instituição repense seus espaços, seus rituais e suas práticas de comunicação, estimulando a inovação pedagógica e a revisão de práticas de exclusão veladas.

A tecnologia, por sua vez, amplia as possibilidades de ensino e aprendizagem de Libras. O uso de vídeos, aplicativos, plataformas de ensino à distância, realidade virtual e recursos digitais pode complementar o trabalho presencial, permitindo que estudantes revisem sinais, pratiquem frases, acompanhem diálogos em Libras e ampliem seu vocabulário. Esses recursos são especialmente relevantes em contextos de menor oferta de professores e intérpretes, podendo funcionar como apoio pedagógico em universidades de interior ou com menor estrutura de apoio. No entanto, a tecnologia não

substitui a presença humana e a interação em Libras: a mediação de professores bilíngues, mormente surdos, é essencial para corrigir articulações, orientar o uso de expressões faciais, espacialização e gírias da comunidade surda, aspectos que softwares e vídeos isolados não conseguem ensinar de forma adequada.

A perspectiva futura para o ensino de Libras na universidade aponta para a necessidade de uma instituição mais democrática, acessível e sensível às diferenças. Para que o ensino de Libras deixe de ser apenas uma exigência legal e se torne um eixo real de transformação, é preciso reforçar a formação de professores, ampliar a oferta de disciplinas e recursos, revisar práticas avaliativas, investir em infraestrutura e incentivar a participação da comunidade surda na vida acadêmica. A universidade, em sua posição de fomentadora de pesquisas, debates e políticas públicas, tem o papel de consolidar a Libras como língua de ensino, de pesquisa e de convivência, ajudando a construir uma sociedade em que a surdez não seja apenas tolerada, mas reconhecida como parte legítima da diversidade humana. Nesse contexto, o ensino de Libras no ensino superior deixa de ser tema marginal e passa a ser um dos pilares centrais de uma educação inclusiva efetiva, ética e comprometida com os direitos de todas as pessoas.

Outra dimensão importante que merece atenção é a formação específica de professores de Libras no ensino superior, ainda em construção no Brasil. A formação de docentes para o ensino de Libras, tanto como língua-primeira quanto como língua de ensino e para a Língua Portuguesa como segunda língua, deve ocorrer em cursos de graduação e pós-graduação reconhecidos, o que garante a legitimidade pedagógica da disciplina dentro da universidade. No entanto, muitas instituições ainda conciliam a presença de professores surdos, que vivenciam a língua de forma nativa, com professores ouvintes fluentes, o que gera tensões e espaços de negociação sobre quem "deve" ensinar Libras e como essa formação deve ocorrer. A construção de uma formação de professores de Libras que respeite a história surda, a cultura da comunidade, a estrutura linguística da língua e as necessidades pedagógicas da universidade é um campo em constante tensão, mas também em constante avanço.

A inclusão da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura e demais formações superiores tem mostrado impactos significativos nas percepções dos próprios estudantes sobre a surdez e a comunicação. Pesquisas com futuros professores indicam que, ao ter contato mais profundo com a Libras e com a cultura surda, muitos alunos modificam sua visão anterior, passando a valorizar a língua de sinais como sistema linguístico completo e a reconhecer a importância de práticas pedagógicas inclusivas mediadas por Libras. Essa mudança de percepção exerce efeito direto na sala de aula: professores formados com essa base tendem a organizar materiais acessíveis, prever a presença de intérpretes, adaptar avaliações e promover a participação plena de alunos surdos, contribuindo para uma educação inclusiva muito mais consistente do que a apenas declarativa.

As instituições de ensino superior, por seu papel de produção de conhecimento, também têm a responsabilidade de investigar e refletir criticamente sobre o ensino de Libras em seus próprios contextos. A realização de pesquisas sobre a oferta de Libras em cursos de graduação, sobre a experiência de estudantes surdos na universidade, sobre a formação de professores de Libras e sobre as práticas pedagógicas inclusivas mediadas por Libras contribui para a construção de bases teóricas e orientações práticas que orientem políticas institucionais e políticas públicas. A publicação de artigos, livros, relatórios de pesquisa e materiais didáticos bilíngues fortalece ainda mais a visibilidade da Libras dentro da academia, criando um campo de estudos que articula surdez, língua de sinais, educação e direitos humanos.

A ampliação de cursos específicos de Libras, como Letras: Libras ou Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua, é um passo importante para consolidar a língua como objeto de estudo e de profissão no ensino superior. Tais cursos formam não apenas professores de Libras, mas também tradutores-intérpretes, coordenadores de projetos de inclusão, pesquisadores, administradores de programas de acessibilidade e gestores de políticas voltadas para surdos, ampliando o leque de atuação profissional ligado à língua de sinais. A existência

desses cursos, no entanto, depende de apoio institucional, de investimento em cargos docentes qualificados, de criação de laboratórios de Libras e de espaços de estágio e extensão que articulem a universidade com escolas, centros de apoio e comunidades surdas.

A perspectiva futura do ensino de Libras na universidade aponta para a necessidade de uma organização institucional mais integrada, em que a disciplina de Libras deixe de ser tratada como um "componente isolado" e passe a ser vista como um eixo articulador de acessibilidade, formação docente e cultura de inclusão. Para isso, é preciso avançar na formação de professores e intérpretes, na inclusão de noções de Libras em múltiplos cursos, na criação de políticas de convivência interlinguística, na adaptação de infraestrutura e plataformas digitais e no fortalecimento da participação de pessoas surdas nas decisões acadêmicas. A universidade, ao assumir de forma mais consistente o ensino de Libras, não apenas cumpre uma exigência legal, mas cumpre um papel ético e social de promover a igualdade de oportunidades, de respeitar a diversidade linguística e de construir uma educação inclusiva que reconheça a Libras como língua central na formação de cidadãos e profissionais preparados para uma sociedade justa, plural e democrática.

Além dos aspectos pedagógicos e estruturais relacionados ao ensino de Libras no ensino superior, torna-se fundamental discutir a importância da formação humanizada e da conscientização da comunidade acadêmica sobre a surdez e a inclusão. A presença da Libras nas universidades não deve limitar-se apenas ao cumprimento de uma exigência legal ou curricular, mas precisa contribuir para a construção de relações mais respeitosas, empáticas e inclusivas dentro do ambiente universitário.

Durante muitos anos, as pessoas surdas enfrentaram situações de exclusão social e educacional marcadas pela ausência de acessibilidade comunicativa e pela falta de compreensão sobre suas especificidades linguísticas e culturais. Em muitos contextos, a surdez foi associada apenas à limitação, invisibilizando a identidade surda e dificultando a participação plena dessas pessoas em espaços de formação e produção de conhecimento. Nesse cenário, o ensino de Libras assume também um papel social e humano, possibilitando reflexões sobre diversidade, direitos humanos e respeito às diferenças.

A conscientização da comunidade acadêmica sobre a cultura surda é essencial para combater atitudes preconceituosas e práticas excludentes ainda presentes nas universidades. Muitas vezes, estudantes surdos encontram dificuldades não apenas relacionadas à comunicação, mas também à falta de sensibilidade de colegas, professores e funcionários diante de suas necessidades de acessibilidade. A ausência de conhecimento sobre Libras e sobre a cultura surda pode gerar isolamento, dificuldades de socialização e barreiras na participação acadêmica e social.

Nesse contexto, ações de sensibilização e formação humanizada tornam-se estratégias importantes para fortalecer a inclusão no ensino superior. Palestras, eventos culturais, semanas acadêmicas bilíngues, rodas de conversa, oficinas de Libras e projetos de extensão podem contribuir para ampliar o conhecimento da comunidade universitária sobre a surdez e incentivar práticas mais inclusivas no cotidiano institucional. Essas iniciativas favorecem o diálogo entre surdos e ouvintes, promovendo maior convivência, respeito e valorização da diversidade linguística.

Outro aspecto relevante refere-se à necessidade de formação ética dos futuros profissionais. Ao entrar em contato com a Libras e com as discussões sobre inclusão, estudantes de diferentes áreas passam a desenvolver maior consciência sobre o direito das pessoas surdas à comunicação e à participação social. Essa formação contribui para a construção de profissionais mais preparados para atuar de forma inclusiva em escolas, hospitais, serviços públicos, empresas e demais espaços sociais.

Além disso, a humanização no ensino de Libras também está relacionada ao reconhecimento da pessoa surda como sujeito ativo dentro da universidade. A participação de estudantes, professores e pesquisadores surdos em projetos acadêmicos, grupos de pesquisa, eventos científicos e decisões institucionais fortalece a democratização do espaço universitário e amplia as possibilidades de construção de políticas inclusivas mais eficazes e representativas.

Portanto, discutir o ensino de Libras no ensino superior implica também refletir sobre a construção de uma universidade mais humana, acolhedora e comprometida com a valorização das diferenças. A inclusão da Libras e da cultura surda no ambiente acadêmico representa um importante passo para a formação de profissionais e cidadãos mais conscientes, sensíveis e preparados para atuar em uma sociedade plural e diversa.

CONCLUSÃO

O ensino de Libras no ensino superior representa um importante avanço na promoção da educação inclusiva no Brasil. A presença dessa disciplina nas universidades contribui para a formação de profissionais mais conscientes das diferenças linguísticas e culturais presentes na sociedade. Além disso, o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais amplia as possibilidades de comunicação entre surdos e ouvintes, favorecendo o acesso das pessoas surdas aos diferentes espaços sociais e educacionais. Dessa forma, investir na ampliação do ensino de Libras nas instituições de ensino superior é fundamental para fortalecer as políticas de inclusão e garantir uma educação mais igualitária e acessível para todos.
O ensino de Libras no ensino superior representa um importante avanço na promoção da educação inclusiva no Brasil. A presença dessa disciplina nas universidades contribui para a formação de profissionais mais conscientes das diferenças linguísticas e culturais presentes na sociedade. Além disso, o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais amplia as possibilidades de comunicação entre surdos e ouvintes, favorecendo o acesso das pessoas surdas aos diferentes espaços sociais e educacionais. Dessa forma, investir na ampliação do ensino de Libras nas instituições de ensino superior é fundamental para fortalecer as políticas de inclusão e garantir uma educação mais igualitária e acessível para todos.
O ensino de Libras no ensino superior representa um importante avanço na promoção da educação inclusiva no Brasil. A presença dessa disciplina nas universidades contribui para a formação de profissionais mais conscientes das diferenças linguísticas e culturais presentes na sociedade. Além disso, o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais amplia as possibilidades de comunicação entre surdos e ouvintes, favorecendo o acesso das pessoas surdas aos diferentes espaços sociais e educacionais. Dessa forma, investir na ampliação do ensino de Libras nas instituições de ensino superior é fundamental para fortalecer as políticas de inclusão e garantir uma educação mais igualitária e acessível para todos.
O ensino de Libras no ensino superior representa um importante avanço na promoção da educação inclusiva no Brasil. A presença dessa disciplina nas universidades contribui para a formação de profissionais mais conscientes das diferenças linguísticas e culturais presentes na sociedade. Além disso, o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais amplia as possibilidades de comunicação entre surdos e ouvintes, favorecendo o acesso das pessoas surdas aos diferentes espaços sociais e educacionais. Dessa forma, investir na ampliação do ensino de Libras nas instituições de ensino superior é fundamental para fortalecer as políticas de inclusão e garantir uma educação mais igualitária e acessível para todos.
O ensino de Libras no ensino superior representa um importante avanço na promoção da educação inclusiva no Brasil. A presença dessa disciplina nas universidades contribui para a formação de profissionais mais conscientes das diferenças linguísticas e culturais presentes na sociedade. Além disso, o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais amplia as possibilidades de comunicação entre surdos e ouvintes, favorecendo o acesso das pessoas surdas aos diferentes espaços sociais e educacionais. Dessa forma, investir na ampliação do ensino de Libras nas instituições de ensino superior é fundamental para fortalecer as políticas de inclusão e garantir uma educação mais igualitária e acessível para todos.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Inclusão escolar: o que é? por quê? como fazer?

São Paulo: Moderna, 2003.
SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

QUADROS, Ronice Müller de. Educação de surdos: aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.